

J.101FH

COMPRAR

OS NOSSOS

Semanario illustrado de Sciencias, Letras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Científico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Literários: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artísticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
 A Liberal—R. de S. Paulo, 216

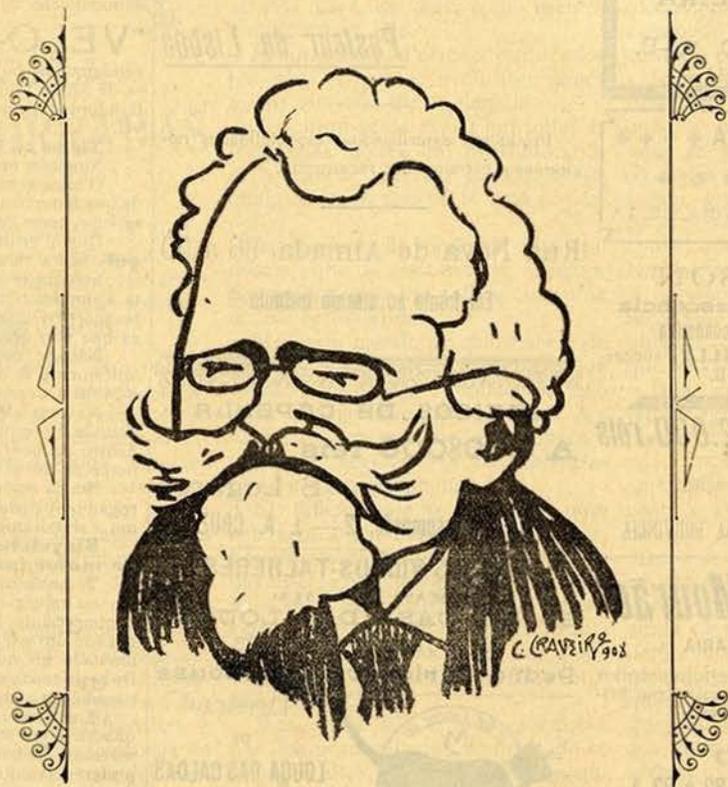
Segunda-feira
16 DE MARÇO DE 1908
NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS

Lisboa e provincias.....	300 rs.
Colonias	400 •
Brazil (moeda forte).....	900 •

Tiragem 6:000 exemplares.

OS NOSSOS
 Brito Aranha



Inda que por tempo breve,
 Povo, deixa o teu egoismo,
 P'ra que teu culto se eleve
 Té esta fronte de neve,
 Reliquia do jornalismo.

GRANDE DEPOSITO
DE
MOVEIS DE FERRO
COLCHOARIA
DE
JOSÉ A. DE C. GODINHO
54, Praça dos Restauradores, 56 — LISBOA

ARMAZEM DE MUSICA E INSTRUMENTOS
DE
Joaquim José d'Almeida
Rua José Antonio Serrano, 34 — LISBOA
(Antiga C. do Collegio)
Vendas d'instrumentos, accessorios e musicas a prestações mensaes.

SALVADOR VILLARINHO PEREIRA
Clinica Geral — Partos
R. de S. Roque, 67, 1.º — Das 3 ás 5 da tarde
TELEPHONE 1573

ALBERTO FERREIRA
MEDICO CIRURGIÃO
Rua Maria Andrade, 10, 2.º-D.
Consultas das 10 ás 11

ANACLETO DE OLIVEIRA ♦ ♦ ♦ ♦
♦ ♦ MEDICO-CIRURGIÃO ♦ ♦
♦ ♦ ♦ ♦ R. S. Vicente á Guia, 22, 1.º

LUZ KITSON
Petroleo por incandescencia
A mais brilhante, a mais economica
Sem cheiro nem fumo, **L. M. LILLY**, successor. R. dos Retrozeiros, 35, 1.º-D.

Retratos a Crayon a 2:000 réis
Carta a esta Redacção
RECEBEM-SE ENCOMENDAS DA PROVINCIA

Januario & Mourão
OURIVESARIA E JOALHARIA
Grande quantidade d'artigos em estojo proprios para brinde, desde 1\$000 réis, joias com brilhantes usados, ouro e prata a peso. Importação directa das fabricas.
PREÇO FIXO
Rua da Palma, 86, 88, 90, 92 e 92 A

MOTORES DE AR QUENTE
Para tirar agua, substituindo com vantagem as noras e os moinhos de vento. **L. M. Lilly** Successor, R. dos Retrozeiros, 35, 1.º, -D. Lisboa.

R. Xavier da Silva
Doenças da garganta, nariz e ouvidos
CLINICA GERAL
Das 3 ás 5 — Rua da Palma, 133, 1.º

PIANOS
A. NASCIMENTO
Concerta e afina todos os instrumentos de madeira e corda e pianos melódicos e concórdões para pianos e harpas, etc.
TRABALHOS GARANTIDOS
Travessa da Bica, 5 (ao Intendente)
LISBOA

Pharmacia do Instituto

Pasteur de Lisboa
Productos esterilizados, especialidades nacionaes e estrangeiras, reccituario.
Rua Nova do Almada, 86 a 90
Em frente ao mesmo instituto

JAZIGOS DE CAPELLA
A 200\$000 réis
8 Logares
Rua da Assumpção, 12 — J. A. CRUZ

LOUÇAS-VIDROS-TALHERES
QUASI DE GRAÇA
SÓ NA CASA DAS LOUÇAS
33, RUA DA PALMA, 35
Pedro Carlos Dias de Sousa

EXPOSIÇÃO DE LOUÇA DAS CALDAS
Arte decorativa
Artigos para brinde
GATO PRETO
Rua de S. Nicolau
(Esquina da R. do Crucifixo)



Senha de Consulta
DO
FEITICEIRO DAS TREVAS



As cartas dos consolentes devem vir acompanhadas da respectiva SENHA DE CONSULTA.

A NOSSA MANEIRA DE ANNUNCIAR

A bicycleta ingleza, de 1.ª ordem que, sob a denominação de

“VELO-PORTUGAL”

vendemos de ha 5 annos, acreditou-se e impoz-se de forma tal que é hoje o modelo geralmente adoptado, sendo copiada tanto quanto possível.

Não ha cyclista que o ignore. Ninguem imita artigos sem reputação. O mesmo succede com as machinas «B. S. A.» de que fomos introductor em Lisboa e que, como se sabe, tem centenas d'imitadores.

Quem visitar a Exposição «Velo-Portugal» ficará verdadeiramente surprehendido. Solicita-se com cordeal empenho uma visita a simples titulo de curiosidade ou de interesse sportivo; convida-se a vêr mesmo as pessoas que não necessitem qualquer artigo da casa.

Não se constrange ninguém a comprar; unicamente se dão todos os esclarecimentos que o cyclista deseje.

Na casa «Velo-Portugal» ha ordem, solicitude e decente processo commercial, por isso, dentro da nossa modestia, soubemos guindar o nome do nosso estabelecimento.

Nunca annunciámos milagres, nem nos arrogámos privilegios inimitaveis. O nosso reclamo é simplesmente:

Bicycletas das mais modestas ás de maior luxo por preços rasoaes.

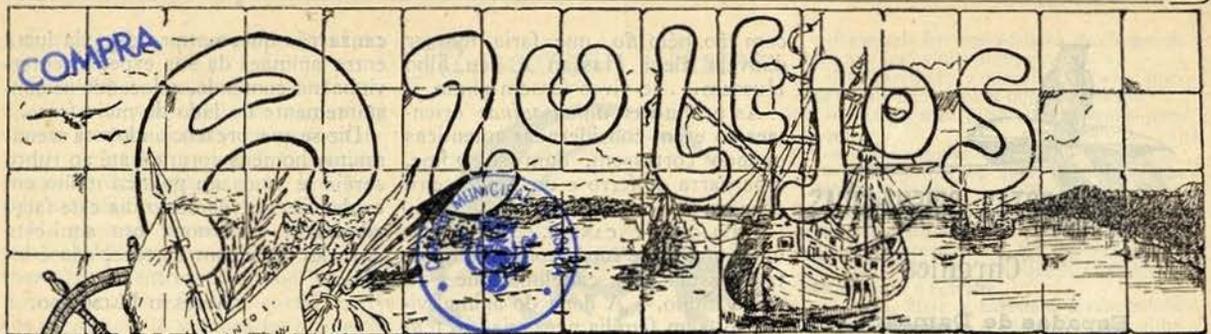
Temos a maxima possibilidade de fazer tantas ou talvez mais vantagens do que qualquer commerciante possa fazer, em vista das condições muito especiaes em que a nossa casa está montada no que respeita a ordem e economia. De resto todas as nossas compras são a prompto pagamento e em grandes quantidades.

Em qualidade e em preços fazemos tudo quanto com seriedade se pôde garantir, para merecer confiança e sermos honrados com a preferencia do publico.

Ha pessoas que, não vendo réclamos espathafatosos, julgam tratar-se de uma casa que vende mais caro. Temos bicycletas para todos os preços do mercado, unicamente não sabemos adoptar o systema de pretender suggerir que fazemos n'isso favor ao publico, ou temos algum poder sobrenatural.

Vendemos por menos o que as fabricas podem fornecer por mais, e nada mais.

COMPRA



COMPRAS

Semanario illustrado de Sciencias, Lettras e Artes

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

Directores
 Litterarios: J. PACIFICO, J. C. BRAGA e ROMANOL
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

Officinas d'impressão e composição
A Liberal—R. de S. Paulo, 216

Segunda-feira
16 DE MARÇO DE 1908

Condições d'assignatura
 (Pagamento adiantado)
SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs.
 Colonias..... 400 »
 Brazil (moeda forte)..... 900 »

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem 6.000 exemplares.



CHÁ E TORRADAS



EM havido, e ha ainda, n'esta nossa terra, manias muito interessantes e muito extraordinarias.

Houve uma epoca, felizmente já distante de nós, em que não havia meio de nos livrarmos d'uns cegos que tocavam sanfona, cobertos com um gabão, em geral esfarrapado, por debaixo do qual um garoto executava umas pantomimas feitas com uns bonecos, os percursos do theatre de marionetes e dos fantoches.

Os petizes e os papalvos achavam o espectáculo delicioso e, sobretudo, barato, e em torno da sanfona juntava-se uma chusma incommoda e suja. Um bello dia desapareceu e apenas nas feiras populares surge de tempos a tempos uma exhibição semelhante.

Mas ainda estavam na memoria de todos as baboseiras do garoto e no ouvido os sons roufenhos da sanfona, appareceu o realejo. Durante annos consecutivos em todas as ruas, praças e travessas, uns pobres diabos com caras de fome, cobertos de andrajos, moíam a *Norma*, o *Trovador*, o *Rigoletto*, e um macaquinho,

vestido de encarnado, dançava sobre a tampa do instrumento, acabando por tirar o carapuço que lhe cobria a cabeça, estendendo os braços para aquelles que o rodeiavam, pedindo 10 réis para os dois, e, ao menos, um figo para elle.

Eram centos d'estes desgraçados por toda a parte, e durante annos fomos victimas d'este flagello.

Seguiram-se os sinos; em todas as freguezias houve um prurido extraordinario de dar ao badalo, e sob qualquer pretexto, vá lá uma repicadella.

Alastrou-se de modo tal esta epidemia, que a auctoridade superior do districto poz-lhe cobro, com uma ordem terminante.

Mas esta cidade de marmore e de granito, e ainda de outras coisas que todos por demais conhecem, não pode passar sem um *andasso*. A's sanfonas, aos realejos, aos dobres e repiques, seguiram-se os phonographos e os gramophones.

E' difficil hoje o atravessar uma rua sem ouvir uma aria da *Tosca*, um duetto da *Manon*, uma abertura das operas mais conhecidas; são realejos mais aperfeiçoados, mas começam a fatigar, tão vulgares se tornaram, tão repetidos são em todos os cantos e recantos d'esta desventurada capital.

Mas ainda não é tudo, porque a par dos gramophones, conjugando-se até com elles, apparecem os cinematographos.

Estão sendo precisamente como os cogumellos; nascem e desenvolvem-se de maneira assustadora, e desde a Paixão de Christo até á Tourada em Hespanha. nós vemos uma sala mais ou menos vasta, mais ou menos commoda, em que se succedem as scenas tragicas e as comicas, n'uma serie de tremeliques que nos

deixam a cabeça estonteada, ficando os olhos dolorosamente impressionados.

As sanfonas, os realejos, os sinos, martellavam-nos a cabeça e incommodavam-nos a valer, mas esse incommodo não tinha a importancia do causado pelo animatographo.

Lá fóra, nos paizes em que a cultura intellectual não é uma historia, onde a hygiene se estuda a serio, onde se pensa em attenuar e evitar os males que affligem a humanidade, foram prohibidos os cinematographos; entre nós, porem, a unica cousa que se prohibe é ter algum bom senso e alguma philosophia para ir passando, sem cousa de maior, uma vida que é mais ou menos atribulada, consoante as circumstancias que se vão dando em cada um de nós,

Duas epidemias ao mesmo tempo temos agora. Uma d'ellas, o gramophone, é toleravel, não abusem para não cançarem, e admite-se; mas o cinematographo com os pontos luminosos e as tremuras, dando-nos ideia de que todos os personagens estão atacados da dança de S. Vitto... vá-dê retro.

Mas por emquanto não se pensou ainda na maneira de evitar que a epidemia cresça e se alastre, e os exploradores vão recebendo avultadas quantias e teem as casas á Cunha o que, afinal, está provando que são aos milhares os amadores e que as scenas tremelicadas deram no gôto a muita gente boa.

D'uma senhora sabemos nós que todas as noites vae tremelicar para um d'esses salões animatographicos, e, cousa notavel, ella que toda a vida sentiu tremuras, tem melhorado, e diz a toda a gente que já não quer outro espectáculo.

Antes assim.

João Pacifico.



NOTAS CIENTIFICAS

Chronica

Espadas de Damasco

Durante muitos seculos permaneceu envolvido em profundo mysterio o modo de fabricação das laminas de Damasco, e sabe Deus quanto sangue fizéram correr, de quantos assassinos se tornaram culpadas.

Beni Hassan, possessôr legal do segredo, soube certo dia que Hussem, um de seus filhos, fugira da casa paterna e revelára a maneira de fabricar laminas de Damasco a um amigo: este, senhor da receita, montára logo uma officina onde cem operarios trabalhavam dia e noite.

Hassan, secundado por seus outros filhos e pêlo pessoal de suas fabricas, dirigiu-se á frente da legião que o acompanhava ao ponto onde existiam os novos estabelecimentos e, pêla noite velha, atacou as cabanas, começou o castigo degolando o filho traidor e continuou, de habitação em habitação, dando a morte aos operarios, que encontrou adormecidos; para terminar este feito illustre mandou lançar fogo á povoação em quatro sitios diferentes e, colocado a distancia e cercado de seus fieis, acabou a golpes de flecha os poucos sobreviventes que tentavam escapar ás chamas.

No entanto, quando o pae vingativo conseguiu *escangalhar o arranjinho ao filho larapio*, já este tinha fabricado e vendido grande copia de laminas e, sendo estas, ao que parece, de melhor tempera e em menor numero do que as que Hassan fabricára, acontece que, ainda hoje no Oriente, as laminas de Hussem são muito estimadas e procuradas, já porque são raras, já porque a sua flexibilidade é extraordinaria. Dão, em geral, por cada uma, em oiro, dês a dose vêzes o seu pêso.

A lamina de Hussem traz gravada, dum lado, a divisa: *Fere em defesa de Allah e do Profeta*. Fabricas de mais recente estabelecimento imitaram as antigas laminas mas a qualidade é inferior á das primitivas. A inscrição que se lê nas laminas modernas é a seguinte: *Pêla vontade de Allah!*

A receita da fabricação das damasquinhas, foi-se alterando pouco a pouco e, por fim, tanto se abastardou que de todo se perdeu.

Um alfageme de Lolingen, conseguiu, em virtude de estudo aturado e um pouco ajudado pêlo acaso, reconstituir a receita e fabricar esplendidas laminas, flexiveis, elasticas e

com tão bello fio, que faria morrer d'inveja Beni Hassan e seu filho Hussem... se vivos fossem ainda.

As primitivas damasquinhas orientaes só eram consideradas autenticas quando cortassem, dum só golpe, uma barra de ferro e um travesseiro de penas.

INTELEGENCIA CANINA. — Uma senhora inglêsa e surda como uma porta, possuía uma cadelinha que estimava muito. — A dona do animal vivia só, sem familia nem criados, tendo apênas por companheira a intelligente cadêla. Enquanto a Sñr.^a ouviu bem, o animal, sempre que batiam á porta da rua, ladrava para prevenir a dona quando esta estava na cosinha, no quarto ou no quintal ou conservava-se calada se a inglêsa permanecia na casa de fóra, isto é, num compartimento onde se ouvia perfeitamente o toque da campainha. Dêsde porem que sua dôna ensurdeceu, o animal deixou de ladrar e, sempre que o som do timbre se fazia ouvir, aproximava-se da dôna e, com os dentes, puxava-lhe delicadamente a sáia fixando ao mêsmo tempo os olhos na porta da rua, fazendo isto fôsse qual fôsse o compartimento da casa onde a inglêsa se encontrasse.

Ao proverbio que diz: o cêgo vê pelos olhos do seu cão, podêmos pois acrescentar: e o surdo ouve pelos ouvidos do seu toto.

A anedôta que segue não é mênos curiosa que a antecedente.

Em geral o cão e o caválo são bons amigos, e parece que sentem prazêr em viverem juntos, entendendo-se perfeitamente. Se um cão habitar uma cavalariça onde se achem caválos pertencentes a dônos diferentes, só dedica afêto e amizade aquêlo que pertence a seu amo e senhôr. Dois rapazes, irmãos, que habitavam Strasburgo, possuíam, cada um dêles, um caválo: estes animaes eram pensados na mêsmo cavalariça e servidos por môços diferentes; com elles vivia um cão em dulcissima harmonia. Um dos caválos recebia, em suplemento de ração, esplendidas e succulentas cenouras que comia sempre com grande prazêr e, para que não faltassem cenouras ao animal, havia constantemente a um canto da cavalariça um grande cesto cheio d'elas. Ora um bello dia percebeu-se que, a pouco e pouco, iam diminuindo as cenouras no cesto, mais do que permitia a quantidade que, quotidianamente de lá se tirava para consumo habitual.

Quem seria o ladrão? Espreitaram e viram com assombro que o autôr do roubo era o cão.

Para quê?

Para as levar surrateiramente ao outro caválo, ao que habitualmente não tinha ração de cenouras e que, e aqui é que está a belêza do conto, pertencia aquêlle dos dois irmãos que era dôno do cão.

Não é mênos extraordinaria a historia dum corpulento e fortissimo

canzarrão que, sempre que via lucta entre animaes da sua especie, entervinha na contenda, colocando se constantemente do lado do mais fraco.

Diz-se que, presenciando esta scena, muitos homens coraram até ao rubro cerêja e que um politico muito em evidencia, ao vêr certo dia este facto admiravel exclamou: ora aqui está um cão que, com certeza, não é inglêes.

ARIOSTO PALMANDO.

ESPIRITISMO

Comunicação obtida pelo Ex.^{mo} Sr. Fernando de Lacerda e attribuida a EÇA QUEIROZ.

(Conclusão)

O dia de hoje será sensivelmente igual ao de amanhã, como o foi ao de hontem. Só se distinguem, não pelo que se passa n'elles, mas pelo que se passa no ambito em que nós gravitamos.

Em todos os dias termina um anno, e em todos os dias começa um anno novo. Para que na nossa vida se operem modificações, para que saibamos apreciar os factos, luctar, rir, amar, soffrer, não necessitamos nada do calendario gregoriano.

Não é pelo nascimento de Christo, nem pelas referendas da Hegira, que apreciaremos as phases evolutivas da idea do nosso cerebro, nem do sentimento do nosso coração.

Podia deixar de haver a folhinha do Borda d'Agua, que nem por isso deixava de haver homens que se quizessem mal; mulheres que se invejassem; usurarios que esfolassem o seu semelhante; como não deixaria de chover, de fazer sol, de haver cogumellos, e de nascerem asnos e tolos, por esse vasto mundo de singularidades e de contrastes berrantes como o fato de uma cigana.

Comprehendo, entretanto, muito bem, que na nossa vida derreada atravez o tempo, se signale com uma referencia brisante na nossa memoria o dia em que Deus nos deu um filho, que constituirá a preocupação dominante da existencia; ou com o acerado cravejamento de um espinho no nosso coração aquelle outro dia em que esse filho, quebrando confrangedoramente o sonho do nosso amor, se deixe aniquilar ahí pela morte; mas para essas cousas e outras identicas não se inventou o dia 31 de dezembro nem o dia primeiro de janeiro.

Para rememorarmos com saudade, o nosso primeiro amor, o nosso primeiro triumpho, a nossa primeira esperança; ou para evocarmos com dolorida magua, o nosso maior desgosto; a perda da nossa mais fagueira illusão, a traição primeira da nossa bella amante ou do nosso mais dilecto amigo, não cuidamos de fixar o dia a que estamos na semana, nem

a que distancia estamos do final do anno.

Quando a data entra na referencia, é como um signal, um incidente; cousa minima, como um pedaço de ferro que ergastule um diamante, ou pingo de cebo que manche um vestido setinoso e branco de uma noiva.

Ha pessoas que no uso e abuso de exterioridades de que a hypocrisia se mascara, se entretem a moer ahí alguém com boas festas e apetecimentos de annos de ventura no primeiro dia do anno, e se esfalam durante todo o anno a penitenciarem-se do seu desejo, inventando tudo quanto seja possivel para torturar e dilacerar a vida a esse alguém.

Para te desejar venturas não necessario que o calendario me diga, na sua mutação futil e fria, o dia em que t'as devo desejar. Desejo-t'as quando te queira bem; e isto de querer bem não se dá com o metro, com o kilo ou com a folhinha.

Não é cousa que se venda nem que se regulamente ou escripture.

Esperar dias para rir ou para chorar; esperar epocas para endossar affectos ou desejar felicidades, será muito methodico, muito commercial, mas é pifio e muito reles.

É possivel que se abone com o habito, como a ignorancia pode habituar-se com a rotina; mas foi isso que eu procurei escavar quando por ahí andei e sentia os meus movimentos peados como um fogoso poldro na leziria, a que prendessem os pés para não saltar; e não estranhas que ainda d'aqui, onde essas velharias não teem o valor de um mavedi manuelino, eu despeje a minha aljava em crivar de setas os ridiculos e pretensões idiotas da civilização humana.

31 de Dezembro, 1 de Janeiro!
Boas festas!
Ora os patetas!

EÇA DE QUEIROZ.



O Crime

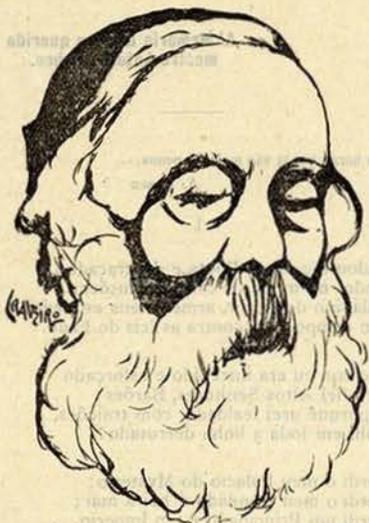
"Dellard"

GORON

(Continuação)

«Não! Não! Dar-me-hia uma insignificancia e eu ficaria na mesma! O espirito do mal então mostrou-me as duas mulheres, sóas, velhas, indefeas!... Dar cabo d'elas seria obra dum instante!

Mascaras illustres



Antonio Feliciano de Castilho

«A idea do crime começou nêsse momento a enraizar-se fundamente no meu espirito; recordei-me vagamente de certos dramas sanguinolentos que havia lido em romances e jornaes. Todos esses assassinos vulgares, haviam sido, em minha opinião, estupidos, idiotas... não tinham sabido arranjar as coisas porque se tinham deixado apanhar pela policia com ingennidade de creanças! E pensei: um homem animoso, resolutivo e disposto a tudo, trabalhando friamente, com precaução, poderia roubar e matar sem ser descoberto.

«A minha resolução firmou-se nesse momento, inexoravel e irressetivel! Dia e noite pensava no crime! Forgei um plano, outro e outro até que assentei definitivamente o que devia fazer!

«Comprei duas facas de feitios diversos, uma para apunhalar e outra para cortar. Primeiramente comprei a que me serviu para praticar o crime, depois adquiri a outra mais pequena e da qual me serviria se a primeira se inutilisasse! A compra foi feita no grande bazar de Lyon; mas, o empregado que afirma têr-me servido, enganou-se redondamente porquanto li nos jornaes têr elle dito que eu trazia uma pasta debaixo do braço e a verdade é que nunca possuí pasta alguma!

«Comprei primeiro a faca mais pequena e só no dia seguinte comprei a outra; lembra-me têr, d'ambas as vêzes, metido as facas na algibeira, na presença do empregado.

«Em seguida parti para Paris onde cheguei na manhã de 2 de Dezembro.

«A tarde fui rondar a casa onde julgava habitar ainda a baronêza; no outro dia de manhã voltei lá: passava-se isto na vespera do dia do crime. Anattay visivelmente cansado e sedento, intorrompeu a narração e pediu que lhe dêssem de beber. Forneceu-se-lhe um copo com agua, que enguliu dum trago e logo depois continuou:

— «Pelas quatro horas dirigi-me á rua das Filhas do Calvario, procurei a baronêza; disseram-me que se havia mudado. Este contratempo irritou-me.

«Que fazer? A minha primeira idéa foi procurar os Cabôret, mas como ninguém me soube dizer a morada certa d'esta gente e como, por outro lado, me indicaram a morada de M.^{me} Dellard, decidi-me por esta ultima.

«Parti rapidamente, correndo quase; a porteira disse-me o andar em que a baronêza assistia mas, parece que me enganêi porque fui bater mais acima Descei e puchei a campainha; fo: a propria M.^{me} Dellard que me abriu a porta.

— «Ah! é o Sr. Luis! disse ella, — Que bom vento o trouxe?

«Respondi-lhe que acabava de chegar de Lyon e que vinha cumprimental-a.

«No entretanto, a baronêza fechou a porta e voltando-se para mim, continuou:

— «Entre, meu filho, entre e venha para aqui.

— «Está sosinha em casa?

«Não estou, ou antes estou; a criada «saju ha bocadinho mas não tarda.

«Tinhamos chegado ao quarto de cama; «olhando para a parede vi, pendurado, um quadro representando Mr. Dellard, pae.

— «E' o Snr. seu marido, disse eu apontando para o retrato.

— «Sim, disse a baronêza levantando a «cabeça para fixar o retrato, — meu filho «parece-se muito com o pae, não acha?

«Neste momento a baronêza achava-se «na minha frente com o pescoço estendido, «tenso.

«A ocasião era propicia e tentadora.

«Tirei rapidamente a faca da algibeira interior do casaco e, atirando-me brutalmente á pobre mulher, feria-a bestialmente.

«A baronêza, caiu, meio deitada, sobre o proprio leito; não pensou sequer em defendêr-se mas a expressão de supplica que se lhe lia no rosto horrorisava-me. Estava como louco! Naquelle instante daria a minha vida inteira para não têr cometido o «horrendo crime e, no entanto, ferida, rasgava, cortava sempre!

(Continua)

TRISTE AVENTURA

Pobre Sousa. Ha bons vinte annos que o conheço. A esse tempo era eu empregado publico, cargo que abandonei por ter achado qualquer coisa de melhor em que empregar o tempo e que me dá mais alguns cobbres do que o magro ordenado da secretaria.

Estavamos uns quatro, sentados ás respectivas carteiras, quando o homem entrou na repartição; tinha sido nomeado amanuense na vespera e vinha tomar posse do seu lugar. Trazia fato preto completo, gravata de seda branca, emfim, vinha, como vulgarmente se diz, bem posto.

Mirámos o homemzinho da cabeça até aos pés, olhámos desconfiados para elle; passados dias haviamos reconhecido que era um bom rapaz, que estava por tudo, e davamos-nos optimamente com elle. Era um pobre diabo.

Pouco a pouco familiarisou-se, tornou-se communicativo, fazia as suas confidencias; conhecemos-lhe então um fraco: o Sousa desejava ardentemente possuir uma sobrecasaca e um chapéu alto.

Passados alguns mezes tinha conseguido juntar o dinheiro, sabe Deus á custa de quantas privações, e não cabia em si de contente.

N'uma segunda-feira vimos entrar o Sousa com os olhos vermelhos, abatido, com ar de pessoa a quem acabava de succeder uma grande desgraça.

Sentou-se á carteira, sem dizer palavra, até que nós, intrigados, resolvemo-nos a perguntar-lhe o que lhe tinha acontecido. Desafogou comnosco as suas magoas e soubemos então que o Sousa estreiára na ves-

pera a almejada farpella de sobrecasaca e chapéu alto. Fôra passeiar á Avenida, flamante, cheio de vaidade e satisfação; quando vinha pelas alturas do Rocio alguém o fez parar, dizendo-lhe que do famoso chapéu alto sahia abundante fumarada; tirou o chapéu e o desgraçado sentiu-se desfallecer quando viu que o penante novo já não tinha copa! Uma ponta de cigarro, cahida de algures, fumegante ainda, pegára-lhe fogo ao chapéu, e a copa ardera por completo. Seguiu o seu caminho, lamentando a má sorte; um pouco mais abaixo, ao virar de uma esquina, esbarra com um pobre homem que levava á cabeça um barril cheio de cal. Com o choque entorna-se a cal por cima do pobre Sousa, cuja sobrecasaca ficou em miserando estado!

O Sousa, indignado, préga uma descompostura no homem, este não gosta da brincadeira, travam-se de razões, palavra puxa palavra e dentro em pouco estão os dois engalfinhados, rebolando pelo chão. Accodem uns populares, enquanto a policia dorme, separam os contendores e o Sousa encontra-se com a sobrecasaca despedaçada, feita em tiras! Chegado a casa deixou-se cahir sobre uma cadeira e toda a noite chorou amargamente a sua desdita.

Durante uns dias o pobre Sousa conservou-se sombrio; pouco a pouco foi-se conformando e por fim a fronte desanuviou se-lhe. Pensou, talvez philosophicamente, que a sobrecasaca e o chapéu alto não se haviam inventado para elle e esqueceu a triste aventura e a passada ambição.

Hoje não quer ouvir fallar em sobrecasacas; é amanuense ainda e selo-ha toda a vida. Está o mesmo homem, um pouco grisalho, mas bem conservado, quasi não se lhe conhece differença. A farpella é que está um pouco differente, porque, com o decorrer dos annos, o fato preto está quasi branco e a gravata branca quasi preta.

J. L. P. F.

TROVEIRO BEZELGA

3

Abre-se a vida num beijo,
Num sorriso abre-se o amor,
Passa a vida num desejo,
Abre a cova o cavador;

4

Ao coiveiro que vier
Arrastar-me á cova fria,
Pra poder tornar-te a ver
Pedirei de espera um dia.

JOÃO BEZELGA.

LAGRIMAS

A' Memoria do meu querido
mestre Antonio Nobre.

Em horas que lá vão molhei a penna...

A. NOBRE

I

Fadou-me Deus Poeta e desgraçado!
Andei no mundo á cata de illusões...
Paladino do Amôr, armei meus esquadões
Em campo raso contra as leis do Fado.

E como eu era intrépido e esforçado
Desafiei Altos Senhores, Barões;
E porque usei lealdade, com trações,
Cahi em toda a linha derrotado!

Perdi o meu Palacio do Mystério;
Perdi o meu Condado á beira-mar;
Perdi um Principado e um Imperio...

O' meu Castello de aurea barbacã!
— Tudo se foi em fumo pelo ar...
Nem me ficou a linda Castellã!

Atravéz d'Africa



Chalupa Beira

II

Aquelle amôr! Estranho amôr o meu!
Amôr como não tive a mais ninguém!
Nem a Deus. Nosso Pae, que está no Ceu,
Ou, inda mais, nem mesmo a minha Mãe!

Nunca as mulheres de Jerusalem
Se gabariam d'um amôr igual!...
Como eu alcançaria o eterno Bem
Se acaso não nascesse em Portugal!

Na minha terra o amôr só dá tristezas...
Pobre de mim nadando em desventuras,
Pobre de vós, o' tristes Portuguezas!

Aquelle amôr! Aquelle amôr foi assim:
— Um rosario infinito de amarguras
Feito das lagrimas de Bernardim!

III

Maria era a mais linda creatura
Que Deus deitou ao inundo:
Nenhuma se compára em formosura
Menina e Moça de perfil jocundo!

Aquelle Ophelia graciosa e pura
De olhar azul como o mar profundo
Que Shakespeare cantou — luz da candura!
Com seu engenho tragico e fecundo:

Essa Ophelia mais branca que os marfins
De côma loira como o trigo loiro,
De mãos de prata como dois jasmims,

Era da formosura o môr thesoiro,
Era a *turris eburnea*, era a mais bella...
— Pois a Maria era mais linda que ella!

IV

Ai, quando a vi aquella vez primeira
E nos ficamos a olhar, a olhar...
Dia de gala d'esta vida inteira!
O meu olhar no Seu fazia luar!

Nenhum de Nós ainda tinha amado.
(Desasseis annos era a nossa idade!)
E como foi nas bôdas d'um noivado,
Mais nos trazia ao peito a anciedade.

Ella vinha de branco — a côr da aurora —
Alvorada d'amôr cheia de luz
Que a minh'alma de luto sempre chora.

E cada um de Nós poz-se a scismar
Nos sorrisos sagrados de Jesus
Aos noivos lindos que se vão casar!

Do livro em preparação — «Amôr de Maria»

LX.º-908.

ASTRIGILDO CHAVES.

Pensamentos

Se não houvesse Deus era preciso invental-o.

VOLTAIRE.

A associação é necessaria á liberdade pois só ella dá forças aquelles que a não tem.

JULES SIMON.

O dinheiro não dá a felicidade mas não se pode ser feliz sem dinheiro.

JOÃO DE DEUS.

Cumulos

Da instrução: fazer fallar uma bayoneta callada.

Da construcção: fazer castello no ar.

Pôr oculos nos olhos d'agua.

Colher frutos na arvore geneologica.

Frizar a cabelleira d'um cometa.

VARIEDADES

Bolos de chocolate. — Junte um kilo de amendoas a meio kilo d'assucar em ponto de rebuçado e dê uma fervura. Em seguida junte a esta massa sessenta grammas de chocolate raspado e passe tudo por um banho real.

Molho branco com azeite. — Desfaça-se com uma colher de pau uma gemma d'ovo e sal, deita-se a pouco e pouco 125 grammas de azeite e reguem-se com este molho os peixes ou legumes juntando-lhe summo de limão, vinagre, noz muscada ou pimenta, conforme os gostos.

Este molho não deve ir ao lume; basta que esteja quente o prato em que for servido.

PELAS ARENAS

CHRONICAS TAURINAS

Decididamente não há como o tempo para fazer mudar os costumes!...

Quem nos diria, aqui ha uns vinte e cinco ou trinta annos, que havia quem pensasse em corridas de touros antes de domingo de Paschoa?

Duas semanas antes, dava-se uma de mão de almagre na trincheira da velha praça do Campo de Sant' Anna, caivam se os corredores, ensinavam-se as cordas do touril, e eis tudo prompto para a inauguração da época.

Já tinha passado a procissão de Passos com o seu *burriê cosido*, já o *Zé Maluco* tinha promtita a bilha, o copo e a garganta para o conhecido pregão: — *Qué qué, qué o copo d'agua bem fresca!*...

N'esse dia começavam os disabores ou venturas da empreza; as arrelias ou triumphos dos artistas...

Era bom tempo, em que, por volta das tres e meia, ferviam as *tipoiás*, que por uma *corda* levavam um feliz mortal ao velutuo circo, onde, desde as duas «a banda dos ex-alumnos cegos da Real Casa Pia», nos *deliciava* os ouvidos, com as «lindas peças de musica do seu vastissimo e variado repertorio», como diziam os cartazes...

Pela rua de S. Lazaro e todas as ladeiras que iam desembocar ao largo que hoje se chama dos Martyres da Patria, eram grandes a alegria e a algazarra...

Fatos claros, limonadas de cavallinho, os homens dos bolos e os contractadores, — quatro ou cinco, — e não o exercito numeroso de hoje — apregoando estridentemente: Sol ou Sombra!... Depois, á chegada dos toureiros bandos de petizes rodeando os trens e pedindo as capas, que algum mais feliz já tinha apanhado e vindo na *almofada*, desde a casa do artista...

Ali na praça, os velhos conhecimentos. Era no domingo de Paschoa que se encontravam os piadistas consagrados: — o Antonio Fernandes, o cortador que ha pouco acabou com a vida no fundo d'um poço, ali ao fim da Avenida; o Domingos *Onze dedos*, o Maia, o Romão e tantos outros amadores... — (ainda n'esse tempo se não conhecia o termo *aficionado*).

No corredor do Sol, junto á porta que dava passagem para a *Sombra*, o velho João d'Alcochete, estropeado, encostado ás muletas, pedindo esmola *p'ra um pobre moço, infocado*...

Ah! bello tempo!...

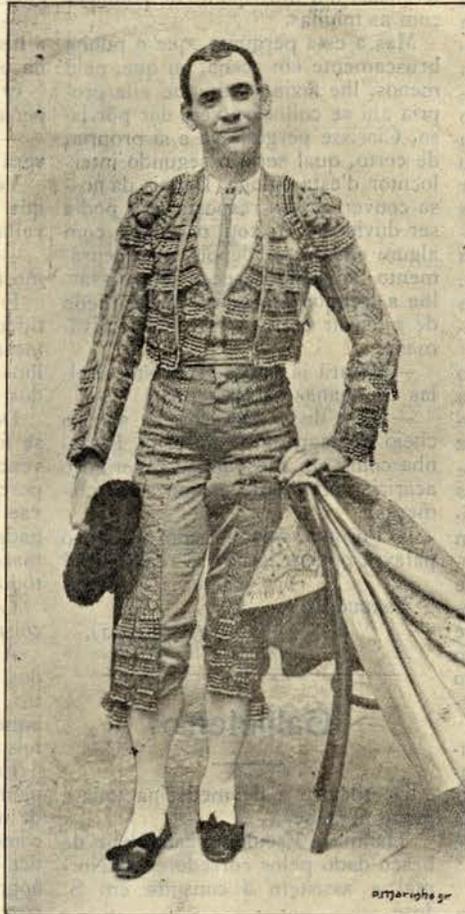
E as esperanças de touros?...

Ahi pelas dez da noite de sabbado, começavam os conhecidos do Palmella,

o guarda da velha praça, a bater á porta que dava para o salão, transportando o petisco e a indispensavel guitarra.

Que bellos bocados, passados á luz pallida da lua!

Ali se executavam os desafios entre o *Mesquita da Cabelleira* e o *Martins do Café*, entre o *Patusquinho* e o *José Petis*, um capinha que cantava e dedilhava o fadinho na *banca* com muito mais valor do que aquelle com que se quartejava com qualquer bicho do tio Emilio...



Angel Garcia — Padilla

A' meia noite desembulhavam-se os farneis, — o peixe frito, salada e pasteis de bacalhau eram o menú obrigatorio, que terminava com alambazadas meias desfeitas que o Palmella, complacente, mandava vir do Jose do Borralho!...

Depois... o *faduncho* continuava até que ás duas e pico se ouviam — primeiro muito fracos depois mais fortes, á medida que se iam aproximando, os sons dos chocalhos e guizeiras.

Então tudo se callava e momentos depois apparecia na praça, a todo o galope, o Ezequiel montando a sua egua-sinha branca; dava de mão para a trincheira da esquerda, afim de deixar a entrada livre para os cornupetos e... tudo estava prompto.

Seguia a debandada, cada um para suas casas, que era preciso estar a pé ás 9 da manhã por causa da embolgação, — outro bello espectáculo que o progresso terminou!...

Hoje começam as touradas logo no segundo domingo da Quaresma!

Verdade seja que se vae para o Campo Pequeno como quem tem de assistir a uma *soirée*, quasi. As sobrecasacas são aos centos, e o mais pião caixeirinho de manteigueiro não dispensa as luvas amarellas...

O entusiasmo é outro... frio!...

Actualmente não ha aficionado que se não julgue um profundo critico. N'aquelle tempo, oh! era como que com devoção que ouviam as palavras auctorizadas de Pinto de Campos, José Horta, Salvador Marques... Hoje não é raro que dois espectadores se esmurrem as ventas sómente porque um d'elles não é do mesmo partido do outro.

Porque até nas touradas o progresso já encontrou meio de encaixar a politica, quantas vezes desastrosa: — Lembremo nos ainda do 12 de maio de 1904!...

Tudo mudado!...

Mas... parece que n'esta materia não é o progresso dos mais felizes!...

Sim, porque uma corrida de touros sem muito calor, muito sol, muita algazarra, não aquece, não enthusiasma!

Digam-nos lá se artistas sabedores e arrojados, touros bravissimos, conseguem enthusiasmar alguém, n'um dia em que o sol se esconde... Isso sim!... Se um ou outro espectador dá umas palminhas muito tristes, sem sabor, é simplesmente para aquecer as mãos, acreditem...

Mas, mal ou bem, fóra do tempo ou não, lá se inaugura hoje a época no Campo Pequeno, com touros de Emilio Infante, Manuel Casimiro e Fernando Pereira a cavallo, e o espada *Reventito*... que tão boas esperanças deu...

A ver vamos.

Inaugurando hoje a secção tauomachica do *Azulejos*, publicamos o retrato do infortunado espada Angel Garcia, *Padilla*, que á data das ultimas noticias estava agonizante em Lima, Perú.

Ao estoquear ali o terceiro touro, na corrida de 23 de fevereiro, em que alternava com José Bonar, *Bonarillo*, soffreu uma colhida violentissima de que os medicos tinham poucas ou nenhuma esperanças de o salvar.

Angel *Padilla* era muito conhecido em Lisboa, onde passou a sua mocidade não muito distante, pois o desventurado rapaz contava apenas 33 annos, e começou exercitando-se na arriscada arte nas praças de Meleças, Massamá e Cruz Quebrada.

CLARISSE

(Continuação)

V

— Approximei-me cautellosamente e encostei-me junto d'ella.

— Não é verdade, me disse ella sem se voltar, que tudo isto é bello e que não é preciso ir mais longe para encontrar a poesia da natureza?

— E' verdade, minha senhora, respondi eu. Sou quasi estranho a esta terra e é natural que a ache bella e que me atreva a dize-lo; mas, em geral, os logares que nos são familiares parecem despojados de poesia que não sabemos dar-lhe. E no entanto conheço certo girasol cultivado com amor na janella d'uma mansarda de Paris, por alguma operaria ou poeta desconhecido que contem por si só mais poesia do que todas as geleiras dos Alpes e todos os templos arruinados da Grecia, onde os aborrecidos vão procurar distracções. E' porque estes pedem a poesia ás cousas emquanto que os outros sabem dar-lh'a.

Vi n'este momento, occulta como ninho entre as folhas, uma casinha branca perto da praia que, arredondada n'aquelle lugar, formava uma especie de pequeno golfo em miniatura. Persianas verdes, em torno das quaes se enrolavam caprichosas vides; um jardim em que brincavam bellas creanças; um canhão coberto de clematites e lupulos, d'onde a mãe as vigiava bordando, um pequeno barco encalhado na praia; e tudo isto tão fresco, tão risonho, tão agradavelmente grupado sob o céu puro que não pude deixar de murmurar: «O' João Jacques!»

A menina de Gavre tivera sem duvida analogo pensamento, porque apontando-me para aquelle suave oasis prestes a desaparecer como rapida miragem, disse-me como Mignon, que não conhecia talvez Wilhelm:

— Era ali que deveria viver!

— Não sósinho! repliquei eu intencionalmente.

— O' não, respondeu ella, mas... Calou-se e corou.

— Dois então, tornei vivamente sem lhe dar tempo para se assustar com o sentido das suas palavras. Na solidão effectivamente, mais do que em qualquer outra situação, os indifferentes são para temer. Alem d'isso, como vê, a casa é pequenina e a barca muito estreita. Sim, seria bom despertar ali ao primeiro grito da andorinha á janella, sair para o campo ainda humido d'orvalho, e ir...

— Em primeiro lugar buscar flores e verdura para encher as jardineiras, exclamou a menina de Gavre interrompendo-me.

— Seja assim. Mas depois trabalhar-se-ia, porque necessario seria trabalhar... Durante as horas de calor...

— Ler-se-ia debaixo do canhão-do...

— Poder-se-ia jantar á sombra das tilias, ao ar fresco que passasse através dos canhões, ouvindo o canto das avesinhas.

— Depois entrar-se-ia para o barco e seguir-se-ia a corrente até áquella collina que fica lá em baixo...

— A' noite tocar-se-ia na sala, com as janellas abertas, apenas com a claridade do luar. Cantar-se-ia...

— A Norma...

— Gosta da Norma?! exclamei eu satisfeito por encontrar nas suas preferencias um novo ponto de contacto com as minhas.

Mas a esta pergunta, que a punha bruscamente em scena, ou que, pelo menos, lhe fazia sentir que ella propria ali se collocára sem dar por isso, Clarisse perguntava a si propria, de certo, qual seria o segundo interlocutor d'esta egloga. Depois da nossa conversação a resposta não podia ser duvidosa. Baixou os olhos com algum embaraço, depois um pensamento amargo pareceu atravessar-lhe a tranquilla alegria. Tive medo de a deixar enristecer e tornei vivamente:

— Estará já cansada d'estas bellas choupanas da Bretanha?

— Não, disse ella com o sorriso cheio de lagrimas; mas, na Bretanha como em Hespanha, é perigoso acariciar por muito tempo estas chiméras.

— Porque, quando com uma só palavra podem tornar-se realidades?

TRADUÇÃO

(Continúa).

Galheteiro

De theatro e de medecina toda a gente percebe.

Thalma e Esculapio caminham de braço dado pelos corredores do Normal e assistem á consulta em S. José.

Ha apenas a accrescentar ao punhal e á carranca uma garrafa de sublimado e pôr de capa e espada os marmores allegoricos da porta do hospital.

Isto porque a cada canto encontrareis de mãos dadas o curandeiro e o critico theatral, receitando vos linhaça para a bexiga e desancando o Shakspeare com aquella convicção que caracteriza o homem superior que tambem pode ser um inconsciente.

Todos nós temos assistido a essas consultas gratuitas onde receita o padeiro, o leiteiro, a peixeira, o mercieiro e, enfim, tudo quanto não é medico.

Na praça da Figueira é então muito frequente ouvir receitar.

Alli ensina-se a levantar a espinhela enquanto se pésa um kilo de

favas e segreda-se a formula d'um xarope onde o assucar e o excremento entram em partes eguaes.

— Mas verás, accrescenta a medica persuasiva, verá que se põe boa.

E a victima a pensar se seria capaz de tomar semelhante porcaria, pergunta a como é o molho dos grellos.

— Faça o que leu digo, deixe-se de medicos, que elles não sabem nada; tome o xarope e verá.

Sae uma creatura de casa com dores n'um dente:

— Quem tem você? diz-lhe o freguez do azeite.

— E' um maldito queixal, e conta a historia do mollar desde que o tem na bocca.

O azeiteiro benemerito que ouviu penalizado diz por fim:

— Ponha-lhe uma pedra de sal e verá como lhe passa.

Vem andando e tópa com um amigo que é estofador. Nova pergunta e velha historia.

— Homem, bochecha com vinagre morno e a dôr vae-se-te embora.

E elle ali vem rua abaixo repetindo por cada aperto de mão a mesma cega-réga, recebendo conselhos dos amigos, dos conhecidos e dos estranhos.

Depois de temperada a lingua como se fosse para a comer estufada, convence-se de que os dentistas devem perceber alguma coisa d'isso e lá vae no fim de ter a dentadura estragada com os remedios que a pharmacopêa popular põe ao alcance de todos os doentes.

Com o theatro acontece a mesma coisa.

A arte dramatica cultivada em todos os cantos como a salsa e o coentro, tempera todas as conversas como aquelles temperam a sôpa e os pastéis de bacalhau.

Fallai ao vosso alfaiate do desempenho de um drama de Dumas ou de uma comedia de Claretie e vereis como elle, de metro em punho, critica os auctores, os actores e o scenographo. Em compensação o vosso fato irá tres vezes a emenda.

Um sujeito, negociante por grosso a um do mesmo quilate que sahido D. Amelia.

— Que tal a Casa em Ordem?

— Ora adeus! não presta pr'a nada, accordei algumas 4 vezes com os gritos da Lucilia.

E' que pelo guichet do bilheteiro não se veem as caras senão das moedas.

MISS WHITE.

Semana Alegre

— O Marques vae casar.

— E' bonita a noiva?

— Muito rica, mas muito magra.

— Perebó; uma taboa de salvação.

ARTE

DE

TEATRO

Em nome do Padre, revista em 3 actos, original do sr. Camara Lima, musica do sr. Filipe Duarte T. Trindade — 5. março 1908.

O sr. Camara Lima, não pensou decerto que o seu novo trabalho teatral deveria ser tão mal recebido. Sim! Isto de escrever uma revista vai-se tornando facil a valer, conforme se deprende da qualidade das ultimas que se têm exhibido. A *Em Nome do Padre*... nem ao menos teve o successo relativo que é dado a trabalhos do genero. E não o teve porque? Porque — parece-me — o sr. Camara Lima esgotou toda a sua bagagem de ditos graciosos. O sr. Camara Lima, que pouco ou nada lê, e mesmo assim talvez se interesse só pela politica indigena de certa imprensa, esqueceu-se de que o publico, por muito ingenuo que seja em materia de arte de teatro, já vai tendo noções de que uma peça, só lhe merece atenções quando lhe dá qualquer coisa de novo ou faticado de imprevisito. E a prova é, a revista, *Em Nome do Padre*, tendo os cuidados dum encenador que sabe explorar as impressões visaes da sua platcia, nem mesmo assim conseguiu dar a apparencia de originalidade, arrastando na queda o seu collaborador, sr. Filipe Duarte, nada feliz na inspiração dos motivos musicaes.

O desempenho nivela se com o valor do poema. No entanto se formos a analisa-lo diremos que só a sr.^a Amelia Barros se salvou. Os outros, não admira que nada fizessem — ninguem trabalha sem ferramentas...

Uma Partida de Quino, 1 acto em verso, original do sr. Dr. Xavier da Silva. T. Gymnasio — 7 de março.

Em beneficio do actor Henrique d'Albuquerque, vimos uma comedia de abrir, a que os francezes chamam *Lever du Rideau*. Uma *Partida de Quino*, se intitula o pequenino acto, e realmente outro nome não poderia ter, pois é numa partida de quino que se desenvolve o assumpto leve.

O sr. Dr. Xavier da Silva, ao esboçar tão ligeiramente a sua estreia teatral, crêmos nós, só teve em mira apresentar-se para que novos commetimentos atêstem a sua facilidade de versejar e de espirito raro em nossos tempos. Oxalá assim seja, porque uma coisa é escrever com espirito, e outra escrever com chalça, embora esta tenha maior propaganda.

Uma *Partida de Quino*, é uma catadupa de redondilhas bem feitas. O entreocho não as merece, E não as merece pela banalidade da escolha. Um velhote gotoso consentidor do namoro de seu filho com uma priminha despetada, porque o noivo se demora demasiado fóra do ninho paterno. Troca de amúos. Um joguinho preparado para reatar relações e verificar se a mesma afeição continua. Um engano de retratos — uma duqueza por uma cosinheira! — e um beijo repentinissimo a sellar duas vidas. Um beijo que quina... E todos sabem quanto a quina vitalisa...

A dicção dos versos foi entregue ao festejado, a Alegrem e á sr.^a Jesuina Saraiva.

O sr. Albuquerque, que tem qualidades naturaes para dizer bem, pois articula com grande facilidade, inflexionando melhor, pena é que arrastasse tanto a dicção da sua personagem de *Uma Partida de Quino*. Além disso é bom que ao dizer a palavra, *Essencia*, não a érre, dizendo: *Es-sencia*. Se em prosa sabe mal ouvi-la, no verso é simplesmente um crime de lésa-gosto. Desculpe, mas todo

Figuras do Palco



Actor Augusto de Mello

o nosso desejo é que evite taes nodos na alvura da sua dicção.

O sr. Alegrem, exteriorizou com mestria o velhote.

Disse muito naturalmente. Assim é que se diz verso. A arte está em não se mostrar os cordelinhos com que se trabalha. E, o sr. Alegrem mostrou como se diz o verso representado.

A sr.^a Jesuina Saraiva, não estava á vontade na ingenua. Além disso tome muita atenção: o poeta ao escrever versos, só teve um desejo; não os ouvir errados. Aliás, escreveria em prosa, não exigindo conhecimentos de morphologia metrica.

O *Hotel dos Periquitos*, vaudeville em 3 actos, original do sr. Xavier Marques versos de Fortunio, musica do sr. Del-Negro.

Como tradutor de peças allemãs; era conhecido o sr. Xavier Marques. Nenhum original de valia o tinha imposto ainda como comediografo, e o seu novo trabalho *O Hotel dos Periquitos*, com certeza fará protelar o seu nome como autor.

Vê-se pela insistencia, que o sr. Xavier Marques procura acertar; até hoje não o conseguiu. Pelo seu passado literario é que talvez possamos atinar com o motivo: tudo o que tem produzido percebe-se ter sido feito sobre o joelho e com deficiencias não só de tecnica, como de originalidade.

O *Hotel dos Periquitos*, enferma do mal de que ainda o sr. Xavier Marques se não curou — não tem qualidade boa que se recomende. Nem graça, nem factura. Não quer isto dizer que o *vaudeville* seja modelo semsabor — a graça que tem é de tal maneira mettida que logo peza por extemporanea. A estrutura é tudo que ha de mais comedias de cordel. — E estas ao menos tinham o cunho original, e *O Hotel dos Periquitos* merece bem que se lhe aplique a definição de Max Nordau: «— Banalidade é a originalidade vulgarizada». Seguir o caminho que outros trilháram, é encontrar a papinha feita. A virtude é sulcar novos atalhos ainda que vão ter ao mesmo caminho. Mas a maioria dos escritores de teatro, como o sr. Xavier Marques, entende assim e a arte que lhes dá o pão, vai sofrendo tratos de polé. Bemdito o dia em que o publico acordé...

A musica, não parece ser do auctor da partitura d'*A Mancheia de Rosas*.

Quanto ao desempenho, notarêmos o do sr. Antonio Sarmiento, o festejado dessa noite, que diligenciou satisfazer por completo.

O sr. José Reis, estreiante, vê-se bem que muito representou como amador — traz todos os defeitos do palco particular. Muito hade estudar se quizer ver-se livre d'elles. São como as bexigas negras...

O sr. Martins dos Santos, não deu o brilho necessario ao seu papel — a unica personagem verdadeira da peça. Quando um artista deixa assim enpalidecer figura tão humana, ignorâmos quaes os papeis que pôde interpretar.

Do lado feminino impõe-se a sr.^a Carmen Cardoso, vincando graça dimanada do seu

corpo maleavel, na mal desenhada personagem.

O sr. Alvaro Cabral, correcto no medico, e todas as outras figuras descuidadas, desatinando a cada passo. Mas isso não é com ellas; é com o ensaiador da casa: ou é benevolente ou não está para se incomodar.

Como só hontem, sabado 14, subiu á scena a peça *Cossa Senhora de Paris*, no Principe Real, publicarêmos no proximo numero a noticia dessa recita que teve como motivo principal a reapiarição do antigo artista dramatico, Alvaro.

MARIO LAGE.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consultente: — Guilhermina R. S.

Ha erro manifesto na informação que me enviou, pois diz ter nascido em 1900 e manda-me a sua fotografia pêla qual observo sêr pessoa adulta.

A sina hade fatalmente ressentir-se d'esta falta.

O signo da minha estimada consultente indica: ambição, gloria, poder e elevação social, é necessario porem que para chegar ao alto da montanha, se não sirva de manobras fraudulentas, de caminhos tortuosos, aliaz mêsmo entre honras e contumélias será infeliz!

Se não casar até aos vinte annos arrisca-se a ficar solteira.

Desejava sêr mais prolixo mas a ignorancia do anno do nascimento de D. Guilhermina fecha-me o livro do Destino.

Consultente: — Annibal B. C.

O sr. é dominado pêla sensualidade.

O mar atrae-o, a seu pezar, e nêle correrá perigos.

E' guloso e modesto!

Mulher alguma o amará; muitas porem fingirão amal o e, o que será peor, o sr. acredita-as-ha e chamar-me ha idiota! *A vaidade não é uma palarra vã!*

Hade casar: talvez com uma estrangeira!

Aos trinta e cinco annos montará um magnifico estabelecimento e os negocios caminharão em mar de rosas!

Gosta que o lisonjee... Ah! seu marôto!

Lava se pouco! Vamos, tenha mais cuidado na hygiene corporal!

E' prudente e isso não é mauzinho!

E' generoso e esmoler: bem bom, bem bom!

G. C.

(Veja-se nas capas a senha de consulta)

POSTA RESTANTE

Obscura Pontelimensense. — Errados na medição e accento predominante.

A. E. L. — Idem.

Soares Junior. — Recebemos.

**QUAL É A COISA,
QUAL É ELLA?**



**O CONCURSO DA 2.ª SERIE
Premio-UM TINTEIRO DE PRATA**

Condições do Concurso

1.ª—Decifrar, durante os 15 numeros da 2.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.ª—Enviar-nos, no intervalo de dois numeros a folha da secção Qual é a coisa qual é ella, escrevendo nos rectangulos as decifrações, assignando, datando e indicando a morada, n'uma das margens em branco.
As decifrações podem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

DOIS NOVOS PREMIOS

Em virtude do grande numero de decifradores resolvemos conceder como premios alem do **Tinteiro de prata, as duas 1.ª Series do Azulejos encadernadas em percalina e uma assignatura gratis da 3.ª Serie**, que serão entregues aos dois decifradores que ficarem classificados em 2.ª e 3.ª logares.

Decifradores

DOS

N.ºs 22, 23, e 24

Timido-N.º 22, 8—*Galucho audacioso*-N.º 22, 7—*T. Mata Mendes*-N.º 22, 6—*Litras*-N.º 22, 9—N.º 23, 6 (15)—*Apollo*-N.º 19, 7—N.º 20, 8—N.º 22, 9 (24)—*Tira Mitras de C.*—N.º 22, 8—N.º 23, 4 (12)—*R. Passos*-N.º 22, 8—N.º 23, 4 (12)—*Bailio*-N.º 22, 10—N.º 23, 10—N.º 24, 12 (32)—*Celeste*-N.º 22, 11—N.º 23, 6—N.º 24, 12 (29)—*Açnarepse*-N.º 22, 11—N.º 23, 6—N.º 24, 7 (24)—*Giliosa*-N.º 22, 9—N.º 23, 5—N.º 24, 6 (20)—*Sado*-N.º 22, 8—N.º 23, 9—N.º 24, 7 (24)—*Luiz Ceia*-N.º 22, 5—N.º 23, 5—N.º 24, 3 (13)—*Sombrio*-N.º 22, 10—N.º 23, 8—N.º 24, 9 (27).

Logogrifhos

Rapidos

A firma 1, 2, 3, 4, 5, 6
Da brenha 7, 8, 9, 10, 11
Na espingarda

LITRAS

Sedimento 1, 2, 3, 4, 5
Solo 6, 7, 8, 9

Beberrão

F. DA M.

Charadas

Corrente d'agua-famosa
P'la sua grande extensão;
E' procura-la no mappa
E facilmente a verão.-2

Tambem sou corrente d'agua
Mas um tanto mais pequena,
Sussurrando brandamente,
Corro tranquilla, serena.-2

Est'outra como as primeiras
Só lhes digo que é um rio;
Grande, pequeno? Não sei
E, dizer-lh'o, é desvario.-2

Quando chegarmos ao termo
Da nossa longa carreira,
Stará lá o nosso nome
Desta ou d'aquella maneira.

Noviesimas

E' hoje a segunda vez que unto com
azeite virgem a caixa de musica-1-3.

APOLLO

O adverbio e o assucar fazem uma be-
bida-1-2.

PINGOLINHAS

N'esta cidade ha um animal que tem a
mania de comer a planta-2-2-1.

BAILIO

Não chorei porque vi a planta no ho-
mem-1-2.

PUMPUM

Augmentativa

2-O animal é jogo-2.

LONGIM CYSNE

Truncada

A pedra preciosa é do homem-3.

Enygmas

Por iniciaes

J. P.
A M C S E A M F M
I I 2 2 I I I 2 2

J. P.

O T É R D V
I 2 I 4 I 2

J. P.

O P A F D S A M
I 3 3 I I I 3 2

J. P.

De palitos

Tirando 4 palitos fica uma planta.

REI DOS DOIDOS

Artigo a decifrar, 13.

Aos Curiosos Dramaticos

UMA PARTIDA DE QUINO

Um acto em verso de

XAVIER DA SILVA

A' venda nas principaes livrarias

Pedidos á redacção do "Azulejos"

Preço 200 réis

PROPRIEDADE DO "AZULEJOS"

DE OLINDA

Tempo de Valsa

VALSA

R. Lopes de Miranda

Regente da Real Philarmónica Progresso Alcaçerense.

PIANO

Fim

L. Lopes

NO PROXIMO NUMERO:

OLHOS PRETOS — Fado por LIBERATO VIANNA BRANDÃO